

**REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DA VIOLÊNCIA CONTRA A CRIANÇA NA OBRA DO ESCRITOR BRASILEIRO ANTÔNIO DE ALCÂNTARA MACHADO (1901-1935)***LITERARY REPRESENTATIONS OF THE VIOLENCE AGAINST KIDS IN THE WORK OF THE BRAZILIAN WRITER ANTÔNIO DE ALCÂNTARA MACHADO (1901-1935)**Emery Marques GUSMÃO*<sup>1</sup>*Tania Suely Antonelli Marcelino BRABO*<sup>2</sup>

**RESUMO:** Pretende-se evidenciar que a humanização das relações que envolvem a infância, o respeito e a acuidade em relação às especificidades do pensamento e dos sentimentos infantis são fatos relativamente recentes e só atualmente luta-se contra todas as formas de violência. O presente texto recupera as representações literárias da infância na obra do escritor modernista Antônio de Alcântara Machado escrita no início do século XX, momento em que a criança era vista como herdeira da propriedade privada e do bom nome da família ou combatia-se os incômodos trazidos por ela por meio da pedagogia do trabalho – em ambos os casos os pais (pertencentes à elite ou às classes populares) impunham as palmadas como recurso educativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** História social da infância. Direitos da criança. Cultura e educação.

**ABSTRACT:** It intends to evidence that the humanization of the relationships involving childhood, the respect and the acuity regarding to the specificities of the thoughts and the feelings of a kid are facts relatively recent and only nowadays there is a fight against all forms of violence. This text recovers the literary representations of the childhood in the work of the modernist writer Antônio de Alcântara Machado wrote at the beginning of the XX century, when the kid was seen as heiress of the private property and the good name of the family or the problems brought from them would be solved by using the Work Pedagogy – in both cases the parents (part of the elite or the popular classes) would hit their kids as an educational resource.

**KEYWORDS:** Social History of Childhood. Children rights. Culture and education.

“É um escândalo para o adulto que o ser humano em estado infantil seja seu igual”  
(Françoise Dolto)

**INTRODUÇÃO**

Na produção literária de Antônio de Alcântara Machado (1901-1935) há um grande número de crianças e, em algumas narrativas – como Lisetta (*Brás, Bexiga e Barra Funda*), Gaetaninho (*Brás, Bexiga e Barra Funda*), Notas biográficas do Novo

<sup>1</sup> Doutorado em Educação (UNESP) e docente na UNESP/Marília.

<sup>2</sup> Pós-doutorado em Educação e docente na UNESP/Marília.

Deputado (*Brás, Bexiga e Barra Funda*), Capitão Bernini (*Novelas Paulistanas*) O inteligente Cícero (*Laranja da China*) – elas são personagens principais<sup>3</sup>. Suas obras foram escritas entre as décadas de 1920-30<sup>4</sup> e, predominantemente, as histórias se passam na cidade de São Paulo; a maioria das famílias paulistanas retratadas são sustentadas por homens (funcionários públicos ou sujeitos que buscam esta posição), dispõem de algum tempo livre para o lazer ou o ócio e, muitas vezes, contratam empregados domésticos; já as famílias ítalo-paulistas estão fortemente inseridas no mundo do trabalho: maridos, filhas e filhos adultos e ínobos empregam-se no comércio, indústria e ofícios enquanto as esposas ocupam-se do serviço doméstico. As tramas que envolvem as mulheres solteiras e jovens decorrem do encantamento que podem (ou não) despertar nos homens; por outro lado, a mulher casada foi retratada não pela reciprocidade amorosa, mas pela condição de mãe, papel desempenhado com excessivo rigor pelas italianas e de modo débil/frágil (quase impotente) por algumas paulistas de *Laranja da China* e *Mana Maria*; em ambos os casos, parecem distantes da lendária Cornélia – a mãe dos irmãos Graco (Caio e Tibério) que, na condição de tribunos da plebe na Roma Antiga, se notabilizaram pela defesa da Reforma Agrária (proposta que enfrentou forte oposição dos grandes proprietários).

## DESENVOLVIMENTO

O mito da mãe virtuosa e forte personificado por Cornélia (190 a.C. – 100 a.C.) foi lembrado por Alcântara Machado na história de *Laranja da China* intitulada “A Insigne Cornélia”<sup>5</sup>. Filha de um dos heróis da Segunda Guerra Púnica (218 a 202 a.C.), Cornélia Africana casou-se com destacado homem público (tribuno da plebe, pretor, censor e cônsul) e, viúva ainda jovem, recusou vários pedidos de casamento para dedicar-se à esmerada educação dos filhos; assim, tornou-se símbolo da matrona romana: digna, austera e recatada. Sua história foi difundida na cultura erudita e escolar do período? Sim, pois a leitura de textos e o conhecimento do passado clássico eram tidos como sinônimos de erudição; além disso, os comportamentos, virtudes, dedicação à pátria e célebres frases<sup>6</sup> destes personagens históricos (verdadeiros mitos) deveriam ser seguidos/repetidos pelas novas gerações. Em diversos textos, Alcântara Machado ridiculariza os autores parnasianos (imensamente prestigiados no início do século XX), que encontram na literatura e na história da antiguidade clássica um mo-

<sup>3</sup> Este artigo é uma continuação do trabalho apresentado no 56º Congresso Internacional de Americanistas (ICA-2018) realizado em Salamanca (Espanha) entre os dias 15 e 20 de julho de 2018.

<sup>4</sup> *Brás, Bexiga e Barra Funda*: primeira edição em 1927; *Laranja da China*: primeira edição em 1928; *Mana Maria e contos avulsos*: edição póstuma em 1936; *Novelas Paulistanas*: primeira edição em 1961 reúne os três trabalhos anteriores e outros contos avulsos.

<sup>5</sup> Um leitor desatento poderia associar o adjetivo do título a insignificante, mas a palavra *insigne* significa muito distinto, notável, célebre.

<sup>6</sup> Segundo a lenda, mostrando seus filhos, Cornélia teria respondido a uma senhora que ostentava as suas pedras preciosas: *Haec ornamenta mea* (eis as minhas joias). Sua história estimula a austeridade e dedicação à família em detrimento do consumismo e das festas.

delo de estilo para textos orais e escritos, inspiração e comportamentos exemplares; com menor frequência o modernista critica também a cultura escolar de sua época: literária, livresca, formalista, mnemônica, distanciada da vida, fortemente calcada na cultura clássica e no parnasianismo<sup>7</sup>. Muitos dos adversários dos modernistas (Bilac, Coelho Neto etc.) – cujas obras tinham forte aceitação nas escolas, nos círculos eruditos e de poder – produziram livros didáticos no final do século XIX (e início do seguinte), que até o final da década de 1950 formaram várias gerações de estudantes – a evidenciar o conservadorismo da cultura escolar brasileira. Acreditamos que o escolanovismo impactou fortemente a escola primária, ao passo que a secundária permaneceu atrelada a concepções passadistas (GUSMÃO, 2017) até a década de 1960 quando, impulsionados pelo tecnicismo norte-americano, os governos militares promovem uma ruptura radical no modelo escolar brasileiro. Também esta modernização – rotulada de conservadora por promover a massificação do ensino, o aligeiramento na formação de alunos e professores – foi alvo de inúmeras críticas.

O livro *Laranja da China* parece exemplar desta postura crítica em relação aos heróis históricos, tão caros à cultura tradicional que apresenta os vultos do passado como modelos de virtude à geração da *Belle Epoque* – impactada pela revolução dos costumes, impulsionada pela Segunda Revolução Industrial. O livro constitui-se de doze narrativas cujos títulos apresentam adjetivos aos nomes dos personagens principais que incorporam heróis/mitos históricos: O revoltado Robespierre; O patriota Whashington; O filósofo Platão; A apaixonada Elena; O inteligente Cícero; A insigne Cornélia; O mártir Jesus; O lírico Lamartine; O ingênuo Dagoberto; O aventureiro Ulisses; A piedosa Teresa; O tímido José. Todas as narrativas ridicularizam as virtudes do herói. Em *Laranja da China*, Dona Cornélia Castro Freitas é uma esposa dedicada, que não afronta o marido e mostra-se incapaz controlar os passeios do filho Zizinho ou a doença da filha Finoca que o desagradam<sup>8</sup>. A irmã de Cornélia – aparentemente mais rica e mais moderna – sugeriu-lhe o aborto quando soube dos enjoo:

Então Isaura não se conteve e começou a dar conselhos em voz baixa. Não fosse mais boba. Havia um meio. E mais isto. E mais aquilo. Não tinha perigo não. Fulana fazia assim. Cicrana também. Ela Isaura (nunca fez, não é?) mas se precisasse fazia também, porque não? Ninguém reparava. Pois está claro. Religião. Que é que tem religião com isso? Estarem ali se sacrificando? Não.

Mas Cornélia ergueu o olhar para a irmã, fez um esforço de atenção:

(..)

– Isso é para as mulheres de hoje, Isaura. Eu sou das antigas” (A insigne Cornelia. In: *Laranja da China*, p. 82).

<sup>7</sup> O índice de *Brás, Bexiga e Barra Funda* foi jocosamente chamado de “TABOADA”.

<sup>8</sup> O marido declara à Cornélia: “depois se o menino virasse vagabundo de uma vez, apanhasse uma doença, fosse parar na cadeia, ele não tinha culpa nenhuma. A culpa era todinha de Cornélia. Ele, o pai, não queria responsabilidades” (A insigne Cornélia. In: *Laranja da China*, p. 75).

Na obra de Alcântara Machado, as atitudes femininas comportam transgressões quando elas agem por amor ao marido/preendente ou aos filhos. O texto “Virgens Loucas”<sup>9</sup> (*Prosa Preparatória & Cavaquinho e Saxofone*: 1983) parece sugerir que, para o autor, apesar de todas as transformações vivenciadas ao longo dos séculos, o comportamento feminino é sempre o mesmo: infringe todas as normas em luta pela felicidade em companhia masculina. Dr. Samuel Pinto evoca Freud para explicar a saída inesperada de Mana Maria (*Mana Maria*, 1936) de um jantar em família, assim como o rigor com que ela tratava o pai:

- O Doutor pôs um profundo sarcasmo na voz:
- (..) Eu conheço bem esses temperamentos. Freud explica isso.
- Quem?
- Freud. A senhora nunca ouviu falar em Freud?
- Não. Quer dizer...
- Pois Freud explica o caso perfeitamente, esses nervosismos subitâneos, essas explosões. (Mana Maria. In: *Novelas Paulistas*: 1961, p. 237).

Histeria, descontrole emocional, irracionalidade nas decisões era considerado por alguns autores do século XIX – particularmente na área médica – como característicos do comportamento feminino e não havia consenso em torno dos benefícios do letramento para as mulheres. A personagem em questão se masculiniza na aparência e decide ser a melhor em tudo (inclusive na escola) depois que se sente rejeitada pelos homens e, não fosse a veemente recusa do pedido de casamento apresentado pelo médico, a afronta às figuras masculinas poderia denotar tão somente uma saudável ruptura em relação ao modelo tradicional de família que colocava mulheres e crianças em posição de inferioridade/obediência – e não patologias. Tal como Mana Maria, sua mãe dona Purezinha (falecida) foi descrita como uma mulher forte, assertiva, responsável pelo bem encaminhamento da família; rigorosa, austera; boa mãe e boa dona de casa:

foi Purezinha que arranjou com o parente deputado a promoção do marido para segundo escrivão, depois primeiro, depois chefe de seção. E assumiu discricionariamente o governo do lar, a cabeça do casal, alugando a casa deixada pelo sogro, aplicando o dinheiro no seguro, economizando, comprando o palacete em que Ana Tereza nasceu (Mana Maria. In: *Novelas Paulistas*, p. 198).

Após a morte da mãe, Mana Maria cuidou do inventário, herdou o palacete onde moravam, colocou a irmã em colégio interno, ameaçou executar o inquilino que atrasava pagamento do aluguel, intimidou o pai que pensava em comprar um automóvel novo e nas segundas núpcias<sup>10</sup>. Como se pode observar mãe e filha administraram

<sup>9</sup> Publicado pela primeira vez no Jornal do Comércio em 25 de outubro de 1924.

<sup>10</sup> “Diante da mulher conservou sempre uma atitude de inferioridade. Morta a mulher não teve dificuldade nenhuma em reconhecer na filha mais velha a herdeira de dona Purezinha, no governo doméstico” (Mana Maria. In: *Novelas Paulistas*, p. 193).

o salário, a herança e a vida de Joaquim e, talvez, o parente deputado contribuía para o empoderamento feminino. A interferência das donas de casa despossuídas de salário, herança ou dote nas finanças da família reaparece em outras histórias de Alcântara Machado: o protesto indignado da esposa de Tranquillo Zampinetti<sup>11</sup> contra contribuição financeira para a guerra<sup>12</sup> fez com que, aos poucos, ele se desinteressasse pela política externa italiana (Nacionalidade. *Brás, Bexiga e Barra Funda*); aparentemente a família de D. Silvana tinha poucos recursos e ela não economiza ofensas ao marido enganado (O ingênuo Dagoberto. *Laranja da China*). Em suas histórias as finanças do marido definem o padrão de vida da família e, na condição de esposas, as mulheres aparecem em condições de igualdade (ou de superioridade) para decidir o destino do patrimônio familiar ou do modesto salário.

Para Darrell Levi (1974), o modelo tradicional de submissão familiar coaduna-se com as elites agrárias do nordeste açucareiro, mas é incapaz de explicar as relações no interior da sociedade paulista no início do século XX, que deteve o poder político até 1930<sup>13</sup>. Segundo o autor – cujo estudo se dedica particularmente à família Prado – as famílias de elite acumularam um capital cultural significativo e permitiram ampla liberdade aos filhos de tal modo que, abertos às novidades do período, foi possível a rápida adesão aos modismos; deste modo, o conflito de gerações não impediu a atualização dos costumes e valores. Assim como aos filhos, às mulheres de algumas famílias paulistanas foi permitido/incentivado o aprimoramento intelectual, maior liberdade e o refinamento dos hábitos; talvez por este motivo – no campo da ficção – o pai de Mana Maria apenas lamenta a recusa do pedido de casamento, sonhando com as infindáveis oportunidades profissionais que se abririam ao médico quando retornasse dos EUA; já tia Carlota apoia a decisão: “Não gosta dele, não case! Depois, você tem dinheiro, não precisa de amparo de ninguém” (Mana Maria. *Novelas Paulistanas*, p. 221); com muito ou pouco vigor dona Cornélia (A insigne Cornelia. *Laranja da China*, 1928) tenta impedir que o marido saiba do passeio do filho a Santos – em função do qual não dormiu em casa; o mecânico Ugo<sup>14</sup> – irmão de Liseta – impede que a mãe continue surrando a menina (Liseta. *Brás, Bexiga e Barra Funda*); Dona Silvana não esconde a indignação quando o marido perde dinheiro (O ingênuo Dagoberto. *Laranja da China*, p. 116) etc. A proteção da mãe ao adolescente e ao patrimônio familiar – face àquilo que ela considera erros/abusos masculinos – não parece denotar o efetivo exercício da cidadania, mas correções, interferências no âmbito estritamente doméstico.

<sup>11</sup> “três gritos econômicos” contra “dois gritos patrióticos” (Nacionalidade. *Brás, Bexiga e Barra Funda*, p. 138).

<sup>12</sup> Primeira Guerra Mundial (1914-8):

<sup>13</sup> Temos ciência de que o casamento nunca foi uma instituição tão estável quanto os textos de Alcântara Machado sugerem. Desde o período colonial, muitas mulheres (casadas ou não) assumiam a condição de arrimo de família, responsáveis pelo sustento das crianças e demais parentes.

<sup>14</sup> Assim como as esposas tentam corrigir os erros dos maridos, o filho adolescente impede os excessos da mãe.

Vê-se que a esfera pública fica interdita a mulheres e crianças com o agravante de que os filhos ficam sujeitos à violência doméstica<sup>15</sup> – muitas vezes sob a iniciativa das mães e, em alguns casos (nem todos), por motivos que parecem banais a um leitor do século XXI: Bruno e Lorenzo não queriam falar italiano<sup>16</sup> (*Nacionalidade. Brás, Bexiga e Barra Funda*); Gaetaninho estava brincando na rua (*Gaetaninho. Brás, Bexiga e Barra Funda*); Lisetta queria tocar o brinquedo da menina rica (*Lisetta. Brás, Bexiga e Barra Funda*); a adolescente Elena chorava para ir ao Literário<sup>17</sup> e recusava-se a usar o vestido de babado<sup>18</sup> (*A apaixonada Elena. Laranja da China*); o menino Cícero quase apanhou, pois não gostou do presente de Natal<sup>19</sup> (*O inteligente Cícero. Laranja da China*) e Zizinho porque não dormiu em casa<sup>20</sup> (*A insigne Cornélia. Laranja da China*); Russinho (dez anos) concluiu que seria castigado quando o porteiro do grupo mandou o filho avisar seu Nelo (o pai de Russinho), que ele cabulava aulas há dez dias<sup>21</sup> (*Capitão Bernini. Novelas Paulistas*); Gennarinho queria “a toda força levantar a saia da Atsue” (*Notas biográficas do Novo Deputado. Brás, Bexiga*

<sup>15</sup> Dentre as personagens mulheres e casadas apenas Dona Silvana foi ameaçada fisicamente pelo marido depois de chamá-lo de bocó, besta, burro e caipira:

“Aí seu Dagoberto não aguentou mais. Avançou para a mulher mordendo os bigodes (...)

– Venha, seu pindoba! Venha que eu não tenho medo!

O pindoba se conteve para evitar escândalos (...) Saiu sem fechar a porta.

Tarde da noite voltou contente da vida. Contando uma história muito complicada de mulheres e de um tal Claudionor que sustentava a família (...)” (*O ingênuo Dagoberto. Laranja da China*, p. 115).

<sup>16</sup> “Lorenzo era até irritante.

– Lorenzo! Tua madre te chama!

(...)

Que o que.

– Stai atento que ti rompo la faccia, figlio d’um cane sozzaglione, che non sei altro!

– Pode ofender que eu não entendo! Mamãe! Mamãe! MAMÃE!

Cada surra que só vendo” (*Nacionalidade. Brás, Bexiga e Barra Funda*, p. 134-5).

<sup>17</sup> um clube ou um baile.

<sup>18</sup> “Se o Zozimo continuasse a não fazer caso ela como mãe estava decidida: curaria aquele nervosismo a chinelo” (p. 49)

<sup>19</sup> “O major (pai do menino) já alimentava a sinistra ideia de passar um dos chinelos do pé para a mão” (*O inteligente Cícero. Laranja da China*, p. 64).

“Cícero farejou uns croques (...)

– Não dê em mim, papai, não dê em mim!” (*O inteligente Cícero. Laranja da China*, p. 65).

<sup>20</sup> “Orozimbo quando soube da chegada de Zizinho quis logo arrancar as orelhas do borrinha” (*A insigne Cornélia. Laranja da China*, p. 75)

<sup>21</sup> “Saia de casa com a História do Brasil, o Primeiro Livro de Leitura e a Aritmética Elementar, vagabundeava pelas ruas” (p. 321);

“Adriano (Russinho) (...) sempre deu muito trabalho. Seu Nello dava nele com cinta. Inútil. Adriano só queria saber de jogar pedra, chocar bonde, pegar balão, judiar dos animais. (...)

Seu Nello pensava em arranjar um emprego para ele com o compadre da Casa Verde que tem dois pontos de jornal na cidade. Ou então de engraxate. Depois quando tivesse mais idade aprenderia um ofício” (*Capitão Bernini. Novelas Paulistas*, p. 326).

O trabalho infantil aparece como solução paterna face ao desinteresse do menino pelos estudos.

e *Barra Funda*, p. 105). O autor supõe que os croques, beliscões, chineladas e surras a que as crianças ficam constantemente expostas são fatos corriqueiros, inofensivos e risíveis? Tenho dúvidas de que o termo violência doméstica seja adequado a todos os cascudos e cocorotes dirigidos às crianças retratadas nas obras. Talvez naquela época (e ainda hoje) fosse comum o fato de adultos – além dos pais – baterem nas crianças, principalmente quando elas brincavam/transitavam pelas ruas. Gaetaninho (*Brás, Bexiga e Barra Funda*, 1928), por exemplo, ganhou “um croque danado de doído” do seu Rubinho, acendedor da Companhia de Gás<sup>22</sup>. Neste sentido, pode-se entender que a autoridade dos pais e o isolamento doméstico fossem primados pelas “boas famílias” – estes recursos impediriam que seus filhos fossem maltratados por outros adultos. O castigo materno/paterno foi visto como um recurso capaz de poupar os filhos das penalidades que outros poderiam/deveriam impor com vistas à “boa educação” ou simplesmente por abuso.

Na obra do modernista, a violência contra a criança – embora moderada – é capaz de gerar ódio e ressentimento, sem vantagens efetivas para as crianças e para os adultos – além da obediência (em alguns casos). Ele descreve mais detidamente o ran-cor de algumas crianças paulistas e parece sugerir que os filhos de italianos esqueciam mais rapidamente o ressentimento e/ou conseguiam enganar os pais:

Quando Lisetta subiu no bonde (...) viu logo o urso. Felpudo.

A menina rica viu logo o enlevo e a inveja (p. 81)

(...)

Lisetta sentia um desejo louco de tocar no ursinho. Jeitosamente procurou alcançá-lo. A menina rica percebeu, encarou a coitada com raiva (p. 82)

(...)

(a mãe de Lisetta) pespegou por conta um beliscão no bracinho magro (....)

Lisetta então perdeu toda a compostura de uma vez. Chorou. Soluçou (p. 83).

A entrada de Lisetta em casa marcou época na história dramática da família Garbone.

Logo na porta um safanão. Depois um tabefe. Outro no corredor. Intervalo de dois minutos. Foi então a vez das chineladas (...)

Mas o Ugo chegou da oficina.

– Você assim machuca a menina, mamãe! Coitadinha dela!

Também Lisetta já não aguentava mais. (p. 85)

– Toma pra você (um urso de lata). Mas não escache.

Lisetta deu um pulo de contente (...)

Os irmãos chegaram-se para admirar. O Pasqualino quis logo pegar o bichinho. Quis mesmo toma-lo à força. Lisetta berrou como uma desesperada:

– Ele é meu! (Lisetta. *Brás, Bexiga e Barra Funda*, p. 86).

<sup>22</sup> Por este motivo, quando precisou inventar uma nova versão ao sonho que enfureceu tia Filomena (sonhou com a morte dela), substituiu o defunto e propositalmente escolheu seu Rubinho.

O pai de Joaquim Pereira (*Mana Maria*) – agente de seguros e juiz de paz da Consolação – também associa palmadas à boa educação:

certa vez durante o jantar se permitiu com a ingenuidade dos seus dezesseis anos pôr em dúvida a justiça de uma sentença de que o pai se vangloriava. O juiz de paz estourou:

– Como seu cachorrinho? Eu descendente de bandeirantes, amigo do Coronel Mursa, receber lições de um frangote! Cala essa boca, já, imediatamente!

Joaquim se dispôs a não dar um pio. Mas o pai continuou a falar, a gritar, a invocar sua progênie bandeirante e sua amizade com o Coronel Mursa, ele se irritou e disse muito atrevido:

– Ninguém nunca ouviu falar nesse Coronel Mursa que o senhor...

Aí levou a bofetada. Na boca e foi trancafiado no quarto. Ouviu o pai dar um berro com a criada (...). Abriu a porta. Estava mais calmo e estendeu ao filho uma folha de jornal amarelecida (...):

– Leia para se instruir. No fundo a culpa não é sua, mas dos seus professores que não lhe ensinaram a história da sua terra (...)

Daí por diante cada vez que o pai falava da sua amizade com o Coronel Mursa, o filho abaixava os olhos. No fundo tinha ódio dessa amizade por causa da bofetada (*Mana Maria. Novelas Paulistas*, p. 194-5)

Insensíveis aos conflitos infantis, os pais lançam mão de agressões para impedir comportamentos socialmente reprováveis (que os excluíssem da condição de “boas famílias”) que expusessem a família a críticas ou por descontrole emocional, em conformidade com a ideia de que as crianças deveriam submeter-se incondicionalmente à autoridade/proteção dos pais. Sob este ponto de vista, quanto maior o rigor, maiores os benefícios para a família, a criança e a sociedade. A história de Gaetaninho parece sugerir que as crianças (e também as mulheres) temem/enxergam/preocupam-se mais com os conflitos domésticos/pessoais que com aquilo que se passa nas ruas e/ou na esfera pública; excessivamente envolvidos com o percurso privado descuidam-se de observar o entorno e o espaço coletivo. A morte trágica de Gaetaninho – atropelado pelo bonde enquanto jogava futebol na rua – decorre da falta de atenção anunciada no início do conto:

Gaetaninho ficou banzando no meio da rua. O Ford quase o derrubou e ele não viu o Ford. O carroceiro falou um palavrão e ele não ouviu o palavrão.

– Eh! Gaetaninho! Vem pra dentro.

Grito materno sim: até filho surdo escuta. Virou o rosto tão feio de sardento, viu a mãe e viu o chinelo.

– Subito!

Foi-se chegando devagarinho, devagarinho. Fazendo beicinho. Estudando o terreno. Deante da mãe e do chinelo parou. Balançou o corpo. Recurso de campeão de futebol. Fingiu tomar a direita. Mas deu meia volta instantânea e varou pela esquerda porta adentro (*Gaetaninho. Brás, Bexiga e Barra Funda*, p. 23-4)



Não pretendemos que a obra de Alcântara Machado esteja à frente do seu tempo, que denunciasse a violência doméstica, as distorções implícitas ao exercício da democracia na República recém-instalada; ao contrário, acreditamos que os textos registram a mentalidade e a realidade de sua época. De fato, o emprego público (mais que o exercício do voto<sup>23</sup>) deve ter sido almejado pelos grupos sociais – principalmente por aqueles que frequentaram a escola (em expansão numérica na cidade de São Paulo naquele momento) – pois livrava do serviço braçal pesado<sup>24</sup>, assegurava salário, estabilidade e perspectivas de carreira (dependendo das relações pessoais com a liderança política). À parte, os sujeitos que mobilizavam o operariado, poucas pessoas tinham interesse em propostas políticas alternativas e, oficialmente, a questão social foi entendida (de modo absolutamente equivocado e violento) como “uma questão de polícia”; do mesmo modo, na obra do escritor, poucos personagens (além de Mana Maria) tinham interesse pelo socialismo ou pelos problemas sociais. Em função do seu “profundo senso de propriedade”, Maria discordava do socialismo – considerado pelo restante da família como antinatural e escabroso. Dona Ester (cunhada de tia Carlota) afirmava: “– A melhor educação é a que se dá em casa. Dizem que os comunistas da Rússia separam as crianças das mães. Comigo, eles veriam! Preferia matar meu filho a entregar para os bandidos!” (Mana Maria. *Novelas Paulistanas*, p. 234).

Philippe Ariés procura evidenciar que a invenção da infância ocorre a partir do período renascentista, pois na Idade Média era vista como um adulto em miniatura e as sociedades antigas não reconheciam as peculiaridades da criança como se faz hoje: segundo alguns psicólogos atuais o pensamento infantil não admite contradição; toda criança é egocêntrica; o desenvolvimento se processa mediante estágios e não se deve tentar pular etapas no desenvolvimento; jogos e brincadeiras são decisivos à construção do pensamento etc. A falta de acuidade em relação às especificidades da infância e os altos índices de mortalidade ajudam a entender que, em todas as classes sociais antigas, as crianças se misturavam aos adultos e quase sempre aprendiam mediante o exemplo e a imitação. Os modernos saberes relativos à infância – acumulados em diversos campos do conhecimento, como didática, psicologia, medicina, sociologia, antropologia etc. – prescrevem práticas educativas que deveriam desenvolver plenamente o potencial das crianças e engendrar adultos “normais”; assim, a família nuclear burguesa isola-se em casas de muros altos (ou condomínios fechados mais recentemente) a fim de dedicar aos filhos todos os recursos e energias disponíveis<sup>25</sup>. Piaget e Vygotsky, de maneira revolucionária, evidenciam aos pais e educadores que a inteligência é socialmente construída (e não um dom natural) e que os traços de

<sup>23</sup> A fraude nas eleições era uma prática recorrente no período (voto de cabresto, compra de votos, fraudes na apuração, degola dos eleitos, etc...) e publicamente assumida – talvez como demonstração de força por parte das facções políticas.

O voto secreto (posterior à revolução de 1930) deveria moralizar o processo eleitoral.

<sup>24</sup> Exercido por escravos até 1889.

<sup>25</sup> É surpreendente a quantidade de livros disponíveis no mercado que ensinam os pais a cuidarem dos seus filhos. Consideramos a iniciativa um esforço feliz e bem-intencionado, pois a violência contra a criança decorre da incapacidade do adulto estabelecer uma relação dialógica com os pequenos.

personalidade do futuro adulto foram definidos na história de vida da criança; já Freud havia destacado a importância dos primeiros anos de vida na definição do comportamento humano, mas para este “a educação é um sonho impossível”, pois não se pode controlar plenamente os impulsos inconscientes e primários. Ao longo do século XX, família e Estado disputam este campo de atuação (a educação infantil) que cada vez mais agrega uma ampla gama de profissionais – pedagogos, fonoaudiólogos, terapeutas educacionais etc. – e foi reconhecido como *locus* prioritário na distribuição de verbas<sup>26</sup>. Pode-se indagar: a criança deve ser educada em conformidade com os recursos e valores das famílias ou compete ao Estado intervir/afrentar equívocos dos pais ou responsáveis? A criação dos Conselhos Tutelares, do Estatuto da Criança e do Adolescente (dentre outros) parecem soluções equilibradas mediante o fato de que a formação do cidadão é prioridade face às tradições e valores que as famílias querem ou tentam transmitir. O trabalho desenvolvido dentro das escolas de combate aos preconceitos de toda a natureza (racial, religioso, sexual etc.) é um exemplo significativo da atuação do Estado no enfrentamento de tradições familiares nocivas nos dias atuais.

Um dos mais inquestionáveis méritos do aparato legal relativo à infância criado no Brasil ao fim da ditadura militar é o fato de não separar a criança da família – senão em casos extremos – e de reconhecer a criança como “ser em desenvolvimento”, que necessita de cuidados especiais. No início do século XX, o encaminhamento de queixas de negligência das famílias/responsáveis quase sempre redundava na internação em instituições destinadas ao recolhimento (criadas por Igrejas, filantropos ou Estado) e até mesmo a recolocação (principalmente de meninas) em outras famílias quando se alegava que aos pais naturais faltavam recursos financeiros<sup>27</sup>. Como se pode observar, a “boa educação” era para poucas famílias que isolavam os filhos dos males do mundo por meio dos muros das residências e das escolas e lhes ensinavam os benefícios da obediência. A personagem Ana Tereza – irmã de Mana Maria – ia e vinha do colégio interno “nem alegre, nem triste” (*Mana Maria*, p. 201), pois estava acostumada a obedecer e embora fosse muito dedicada, elogiada pelas irmãs religiosas

<sup>26</sup> Temos absoluta consciência de que nem sempre o discurso corresponde à prática.

<sup>27</sup> Nas outras famílias muitas vezes as meninas eram encaminhadas ao trabalho doméstico sem remuneração e poderiam sofrer abuso sexual.

Já as instituições de acolhimento recebiam diferentes perfis de crianças: desde aquelas separadas dos pais por decisão judicial até órfãos, “gatunos”, indigentes, batedores de carteiras, crianças prostituídas ou enquadradas nas leis de combate à vadiagem. Alvo de infundáveis críticas, tais instituições pretendiam cuidar e/ou regenerar tais crianças através da “pedagogia do trabalho”.

“O código (Penal) do Império rezava (...) que não se julgarão criminosos (...) os menores de 14 anos (...)

O Código Penal da República, bem similar ao antigo, não considerava criminosos os menores de nove anos completos e os maiores de nove anos e menores de 14 que obrarem sem discernimento (...)

Termo de difícil definição, o discernimento era muitas vezes causa de longas discussões nos tribunais” (SANTOS, p. 216-217).

O trabalho era considerado um recurso eficaz para corrigir condutas indesejadas das crianças.

do colégio<sup>28</sup> católico que passou a estudar com dez anos, no mesmo dia em que foi rezada a missa de sétimo dia da mãe, não tinha ciência do seu real valor:

Mana Maria falou quase todo o tempo com a superiora. Na saída disse para a irmã:

– Você precisa caprichar melhor no desenho.

Ana Teresa prometeu caprichar (...)

Voltando para casa Mana Maria repetiu as informações da superiora: ótimo comportamento e ótima aplicação, havendo o que dizer somente quanto ao desenho. Joaquim Pereira se admirou:

– Mas por que você não disse para a menina os elogios? Mana Maria respondeu:

– Eu sei o que faço.

Joaquim Pereira reprovou em silêncio aquela dureza (Mana Maria. *Novelas Paulistas*, p. 193).

A omissão dos elogios recebidos pela irmã pode ser vista como uma forma de violência simbólica? Sem saber da satisfação da família e da escola a menina, temerosa, tendia a dedicar-se cada vez mais aos estudos? Parece que sim; na obra de Alcântara Machado o sucesso escolar vem associado a algum tipo de pressão psicológica, a sugerir que o esforço junto aos estudos não era – naquele momento histórico – algo natural? Identificamos quatro personagens bem-sucedidos no universo escolar: Maria e a irmã Ana Tereza (Mana Maria. *Novelas Paulistas*), Genarinho que foi adotado pelo fazendeiro Juca (Notas Biográficas do Futuro Deputado. *Brás, Bexiga e Barra Funda*) e Bruno, filho que Tranquilo Zampinetti, que concluiu a faculdade de Direito (Nacionalidade. *Brás, Bexiga e Barra Funda*). Apenas este último não aparece submetido a pressões psicológicas e se diverte com o nacionalismo exaltado do pai imigrante:

A guerra europeia encontrou Tranquillo Zampinetti proprietário de quatro prédios na rua do Gasometro (...), cabo influente do Partido Republicano Paulista (...); o Bruno (...) primeiro anista do Ginásio do Estado.

Tranquillo agitou-se todo. Comprou um mapa das operações com as respectivas bandeirinhas. Colocou no salão (da barbearia) um retrato da família real. Enfeitou o lustre com papel de seda tricolor (...)

Bruno entrou casa a dentro berrando como um possesso:

*Il general Cadorna*

*scrise a la regina*

*si vuol vedere Trieste*

*t'la mando a cartolina*

E Bruno só para moer não cantou outra cousa durante três dias (Nacionalidade. *Brás, Bexiga e Barra Funda*, p. 138-9).

<sup>28</sup> O melhor colégio de São Paulo, segundo o pai (Mana Maria. In: *Novelas Paulistas*, p. 192).

Já Maria, quando aluna da escola normal, estudava para provar seu valor perante as meninas bonitas e, neste sentido, pode-se supor que a formação escolar teve um custo emocional bastante elevado; também o futuro deputado Januário, matriculado em uma boa escola foi submetido à dupla violência na infância: a morte dos pais e a alteração do nome de nascimento pelo pai adotivo, o coronel J. Peixoto de Faria<sup>29</sup>. Na obra do escritor, a escola aparece como uma instituição intolerável às crianças mais livres e pobres que não se submetem a rigorosa disciplina, apesar dos castigos físicos impostos pelos pais. Talvez o perfil dos “bons alunos” retratados na obra traga implícita uma crítica à escola hoje denominada “tradicional”; em contrapartida, o curso de Ciências Jurídicas e Sociais (pelo qual passaram o próprio Alcântara Machado e o personagem Bruno Zampinetti) tenha sido excluído desta visão depreciativa.

Em suas obras o sucesso escolar, o rigor de uma família bem colocada econômica e socialmente, a violência física ou simbólica e a obediência infantil quase sempre aparecem juntas; assim, ele (o sucesso escolar) não se estende às famílias pobres demasiadamente ocupadas com o mundo do trabalho – realidade distante das famílias de Joaquim Pereira e do fazendeiro Juca. Gennarinho tinha nove anos quando os pais morreram e aceitou as regras da família Peixoto Faria:

Gennarinho desceu na estação Sorocabana com o nariz escorrendo (..)

Tomou o coche Hudson que estava a sua espera. Veio desde a estação até a avenida Higienópolis com a cabeça para fora do automóvel soltando cusparadas. Apertou o dedo no portão. Disse uma palavra feia. Subiu as escadas berrando.

– Tire o chapéu.

Tirou.

– Diga boa noite.

Disse.

– Beije a mão dos padrinhos.

Beijou.

– Limpe o nariz.

Limçou com o chapéu (Notas Biográficas do Novo Deputado. *Brás, Bexiga e Barra Funda*, p. 103-4)

Tome-se mais um exemplo:

Eta menino impossível! Sente-se já ai direito. Você passa a se chamar Januário. Ouviu?

– Ouvi.

---

<sup>29</sup> “Um dia na mesa o coronel implicou:

– (..) Gennarinho não é nome de gente. Você agora passa a se chamar Januario que é a tradução” (p. 106).

O senhor reitor do Ginásio São Bento pergunta o nome do futuro deputado:

“Com os olhos no coronel (ele respondeu):

– Januario Peixoto de Faria” (Notas Biográficas do Novo Deputado. In: *Brás, Bexiga e Barra Funda*, p. 110). A ficção remete-se ao Colégio São Bento, escola de elite onde estudaram Sergio Buarque de Holanda e Antônio de Alcântara Machado na primeira década do século XX.

– Não é assim que se responde. Diga sem se mexer na cadeira: Ouvi sim senhor.

– Ouvi sim senhor coronel!

Dona Nequinha ria como uma perdida. Da resposta e da continência (Notas Biográficas do Novo Deputado. *Brás, Bexiga e Barra Funda*, p. 106).

É difícil dizer se a obra simplesmente reproduz a realidade de sua época, apresenta uma visão preconceituosa contra o imigrante ou retrata uma sociedade socialmente excludente, discriminatória e insensível ao sofrimento das crianças – principalmente quando ela é pobre e ítalo-paulista. Seja como for, nas famílias paulistas, a violência contra a criança gera ódio, ressentimento e obediência; já Gaetaninho engana a mãe (Gaetaninho. *Brás, Bexiga e Barra Funda*); as surras poucas afetam Bruno Zampinetti, que continua a caçoar do pai e a estudar (Nacionalidade. *Brás, Bexiga e Barra Funda*); não foram registradas saudades de Genarinho do pai morto (comprede João Intaliano) ou da vida na fazenda (Notas Biográficas do Novo Deputado. *Brás, Bexiga e Barra Funda*); Lisetta enxuga as lágrimas decorrentes da surra e alegra-se rapidamente com o urso de lata (Lisetta. *Brás, Bexiga e Barra Funda*). Na obra do escritor, a boa educação pressupõe rigor e a escola não parece associada ao direito do cidadão, mas como consequência do desejo e das qualificações das famílias. Portanto, a escola aparece como opção dos pais que conseguem impô-la aos filhos? As crianças “de boa família” frequentavam a escola e esta qualificação tanto as distanciavam do trabalho manual quanto as habilitavam às funções públicas (de alto e médio escalões). As propostas pedagógicas socialistas rompiam radicalmente com este perfil, particularmente no que diz respeito a:

– isolamento da criança no espaço privado no interior da família nuclear burguesa;

– histórica separação entre educação e trabalho.

No lugar de circunscrever a criança no espaço privado doméstico – ao lado da mãe – os socialistas buscavam uma educação diferenciada capaz de desenvolver a autonomia do pensamento moral e capacidade de pensar no social, no coletivo. Deste modo, apresenta um entendimento diferenciado acerca do desenvolvimento infantil, do egocentrismo e da incapacidade de participação política (cidadania e militância) das crianças. A imaturidade do pré-adolescente seria resultante de um modelo educativo que visa à obediência e não à autonomia? Poderíamos pensar que a obediência poupa a criança e os pais de muitos dissabores; no entanto, o empenho de observar o social, a autogestão do coletivo infantil favorecem o desenvolvimento do pensamento moral, a capacidade cognitiva e a estabilidade afetiva. Para a “democracia burguesa”, o revolucionário é um criminoso; para o socialista, tem virtudes que precisariam ser reconhecidas positivamente e aprendidas pela infância a fim de que as injustiças não se instaurem nos países socialistas – ele é o modelo do “homem novo”, que se busca formar. Ficam algumas dúvidas: até que ponto a educação pode acelerar o desenvolvimento cognitivo (sem pular etapas) de tal modo que a criança possa ser reco-

nhecida como cidadã? Ou ainda: pode-se fazer a Piaget e Vygotsky questionamento semelhante àquele apresentado à psicanálise (Freud) a partir de o trabalho de Ariés, ou seja, o complexo de Édipo e toda a estruturação psicológica estudada por Freud é um fenômeno universal ou resultante do isolamento da família burguesa no espaço capitalista e, portanto, desconhecidos na Idade Média? Margareth Mead sugere que a adolescência e os conflitos vivenciados por este grupo nos EUA são desconhecidos dos indígenas na Ilha de Samoa que se casam muito mais jovens: a adolescência e todos os seus dramas são resultantes do prolongamento dos anos de escolaridade? Muitas perguntas e poucas respostas conclusivas-definitivas; no entanto, parece certo que cabe à pedagogia socialista o mérito de formular uma educação capaz de valorizar os problemas sociais, julgamentos capazes de superar a moral punitiva (porque vislumbra problemas no sistema), de instigar a capacidade de negociação. Hoje as pessoas mais bem informadas não questionam a lei das palmadas, mas nem sempre se deu valor à opinião da criança; talvez a estreita ligação das mulheres com as crianças (tradicionalmente vistas como incapazes e imaturos), aliada ao enclausuramento doméstico de ambos e à ausência de erudição, ajudem a entender muitos dos rótulos preconceituosos que circulam as mulheres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antônio de Alcântara Machado conhecia as propostas pedagógicas de esquerda? Interessava-se por educação? Acredito que a sensibilidade artística lhe permitia ironizar os impasses de sua época aos quais estava atento: Dona Ester (Mana Maria. *Novelas Paulistanas*) valoriza tanto o papel da família na educação das crianças que preferia ver seus filhos mortos a receberem uma educação socialista – procedimento censurável aos olhos do rei Salomão, personagem bíblico; o consumismo é fonte de sofrimento para Lisetta e a mãe de tão envergonhada belisca a filha na frente da menina rica, que usa pulseira de ouro e brinca com urso de pelúcia (Lisetta. *Brás, Bexiga e Barra Funda*); Joaquim ganha uma bofetada do pai para aprender a orgulhar-se da própria família<sup>30</sup> (Mana Maria. *Novelas Paulistanas*); a irmã de Cornélia, no momento em que buscou sua ajuda para ir ao cabeleireiro, sensibilizou-se com o excesso de trabalho da dona de casa e sugeriu o aborto sem atentar para o fato de que cuidar da sobrinha representava um encargo a mais para a irmã (A Insigne Cornelia. *Laranja da China*); o fazendeiro Juca, empolgado com a adoção do órfão Genarinho, muda-lhe o nome<sup>31</sup> (Notas Biográficas do Novo Deputado. *Brás, Bexiga e Barra Funda*). Tal como notícias de jornal, as crônicas de Alcântara Machado apresentam notícias breves, fragmentadas e raras vezes o leitor sabe o desfecho das histórias: na condição

<sup>30</sup> Após a bofetada o pai traz documentos (jornais datados de 20 de novembro de 1889 e dois volumes da *Genealogia Paulistana*), que supostamente comprovariam a importância da família e avisa: “Estou morre, não morre, você é menino, é bom que saiba quem foram seus avós para amanhã, quando eu já não estiver no mundo, não deixar ninguém pisar em você” (Mana Maria. *Novelas Paulistanas*, p. 195).

A bofetada não humilha e inviabiliza o almejado sentimento de superioridade?

<sup>31</sup> Para alguns psicólogos, não se recomenda a mudança de nome da criança.

de Januário, Genarinho teve futuro brilhante na política nacional (Notas Biográficas do Novo Deputado. *Brás, Bexiga e Barra Funda*); já Lisetta e Joaquim foram impactados pelos excessos familiares: Joaquim odeia o coronel Mursa por causa da bofetada (Mana Maria. *Novelas Paulistanas*) e Liseta repetindo o gesto da menina rica impede que o irmão Pasqualino toque no urso de lata que ela ganhou depois de muito apanhar (Lisetta. *Brás, Bexiga e Barra Funda*). Pode-se visualizar na obra do escritor uma dicotomia: filhos de famílias ricas, disciplina, obediência e sucesso escolar de um lado; e, de outro, crianças pobres (principalmente filhos de estrangeiros) hábeis em driblar o rigor dos pais e dos professores. Em ambos os casos, a violência contra a criança aparece como consequência da insensibilidade do adulto face à criança, da incapacidade de reconhecer nela um ser humano que deve ser respeitado.

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. *História social da infância e da família*. Tradução D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- CARVALHO, José Murilo de. Primeiros passos (1822-1930). In: *Cidadania no Brasil – o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Victoria Woodhall. In: *Mulheres e crianças*. Porto: Companhia Portuguesa Editora; Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1921. p. 147-157.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; Rabay, Glória; Brabo, Tania Suely Antonelli Marcelino. *DIREITOS HUMANOS DAS MULHERES E DAS PESSOAS LGBT: inclusão da perspectiva da diversidade sexual e de gênero na educação e na formação docente*, 2010. p. 231-276.
- DOLTO, Françoise. *A causa das crianças*. Tradução Ivo Storniolo e Yvone Maria C. T. da Silva. Aparecida: Ideias e Letras, 2005.
- DORIA, Anna Rossi-. Representar um corpo: individualidade e ‘alma coletiva’ nas lutas pelo sufrágio. In: BONACCHI, Gabriela e GROPPI, Angela. *O dilema da cidadania: direitos e deveres das mulheres*. São Paulo: Ed. Unesp, 1995. p. 109-128.
- GAY, Peter. *A experiência burguesa – da rainha Vitória a Freud, educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GUSMÃO, Emery M. *João Ribeiro – educação e história*. São Paulo: Ícone, 2017.
- GUSMÃO, Emery M.; BRABO, Tânia S. A. M. Representações literárias da violência contra a mulher e a criança na obra do escritor brasileiro Antônio de Alcântara Machado. In: ALCÂNTARA, Manuel; MONTERO, Mercedes García; LÓPEZ, Francisco Sanches (coords.). *Educación. Memória del 56º. Congreso Internacional de Americanistas*. Salamanca: Aquilafuente; Ediciones Universidad de Salamanca, 1ª. Edición: julio, 2018, p. 95-104. DOI: <http://dx.doi.org/10.14201/0AQ02517>
- LEVI, Darrell E. *A família Prado*. São Paulo: Cultura 70 Livraria e Editora, 1974.

MACHADO, António de Alcântara. *Novelas Paulistanas: Brás, Bexiga e Barra Funda; Laranja da China; Mana Maria; Contos Avulsos Inéditos em Livro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

\_\_\_\_\_. Virgens Loucas. In: *Prosa Preparatória & Cavaquinho e Saxofone*. Obras, vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1983. p. 84-87.

\_\_\_\_\_. *Brás, Bexiga e Barra Funda: notícias de São Paulo*. Ed. fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Arquivo do Estado, 1982.

\_\_\_\_\_. *Laranja da China*. Ed. fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Arquivo do Estado, 1982.

PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. Igualdade e especificidade. In: *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2010.

PRADO, Maria Ligia. *A democracia ilustrada. O Partido Democrático de São Paulo*. São Paulo: Ática, 1986.

SANTOS, Marco Antonio Cabral dos. Criança e criminalidade no início do século XX. In: *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 210-230.

---

Recebido em: 15/01/2018.

Aprovado em: 15/12/2018.